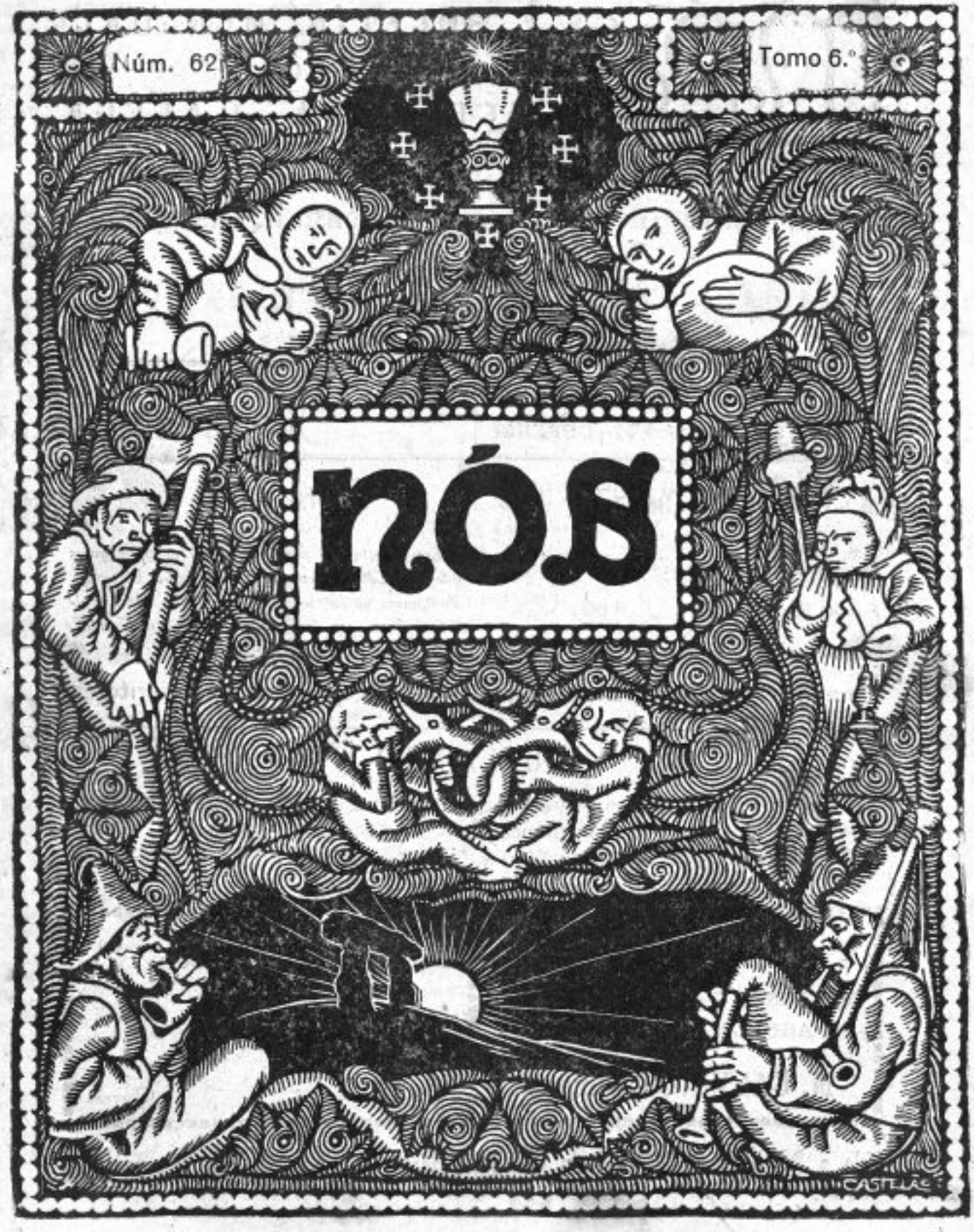

Núm. 62
Tomo 6.°
nós
CASTILLA

# NÓS.

BOLETÍN MENSUAL
da
CULTURA GALEGA

Direitor Literario
**Vicente Risco**

Direitor Artístico
**Alfonso R. Castelao**

Adeministrador
**ANXEL CASAL**

DIREICIÓN E REDAUCIÓN:
Sto. Domingo, 47—OURENSE

ADEMINISTRACIÓN:
Real, 36 1.°—A CRUÑA


## ABONAMENTO

| | |
|---|---|
| *Doce números, na Península* | 6'00 *pesetas.* |
| *Fora da Península* | 8'00 » |
| *Número solto* | 0'70 » |

## NOTA

*Este boletín non pubricará mais orixinais qu'os que foran direitamente solicitados pol-a Direición. Tampouco se fai solidario das ideas n-eles emitidos, a non ser dos que por non iren rubrados, enténdense que son da Redaución.*

Os pagos son adiantados e os gastos de xiro de conta dos suscritores

## SUMARIO


Petroglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal, por R. de Serpa Pinto.
A Eirexa pre-románica de Francelós, por Xosé Filgueira Valverde.
Por terras orientais III, por Avelino Gómez Ledo.
Os homes, os feitos, as verbas, pol-a Redaución.



**Reloxería ZENITH**

MÁQUINAS PARLANTES. DISCOS
AGULLAS e ACCESORIOS

**M. CALVIÑO - Ourense**

Vicente Risco

Abogado

Santo Domingo, 47-2.° Ourense

**Pida a NÓS: ELEMENTOS de METODOLOGÍA de la HISTORIA, por Vicente Risco**

nós

BOLETIN MENSUAL DA CULTURA GALEGA

Ano XI ★ Ourense 15 de Febreiro do 1929 ★ Núm. 62

# PETROGLIFOS de SABROSO e a ARTE RUPESTRE em PORTUGAL

NUMA visita arqueológica a *Sabrcso* realizada em 7 de Agosto de 1928 na excelente companhia dos meus amigos e distintos arqueólogos Florentino L. Cuevillas e Dr. Fermin Bouza Brey, êste último chamou-me a atenção para umas gravuras que se encontravam num penedo do cume do monte.

Debruçados sôbre elas e tendo limpo o musgo que cobria os seus traços delidos, apareceu uma composição inédita, representada na figura 1, nótavel pelo esquema antropomorfo do primeiro plano.

Em redor surgiram mais gravuras rupestres, de que apenas nos foi dado tomar um breve apontamento, por o sol entrar no ocaso.

Para levantar o esquecimento que pesa sôbre os petroglifos de *Sabroso,* e tornar conhecidos os novos achados, foram alinhadas estas notas, que à leal camaradagem e amizade dos meus companheiros são dedicadas.

## TOPOGRAFIA.

A estação pre-romana de *Sabroso,* revelada por Martins Sarmento, fica a meia distancia de *Braga* e *Guimarães,* passando perto a estrada das *Caldas das Taipas* à *Póvoa de Lanhoso.*

Encontram-se insculturas em quási todos os penedos espalhados no cume do monte (LXII), alguns dos quais já foram impiedosamente partidos pelos pedreiros.

Assim, num penedo a S. daquele que contem o conjunto citado, veem-se cóvinhas dispostas irregularmente. Noutro a E., estão circulos concêntricos, simples ou com um sulco radial (fig. 2), de que a figura 3 dá uma ideia de conjunto.

Por último, 13,50 metros a NE. das primeiras gravuras, encontram-se 55 cóvinhas, dispostas sensivelmente em forma de U, em tôrno duma depressão suave da superficie da pedra.

## BIBLIOGRAFIA.

As gravuras rupestres agora descobertas não constituem absoluta novidade em *Sabroso,* pois petroglifos semelhantes encontrou-os Martins Sarmento há cinqüenta anos. Porêm a divulgação e comparação com outros desenhos está em grande parte por efectuar.

Por êste motivo a bibliografia é reduzida e antiga. Martins Sarmento ocupou-se de «sinaes gravados em rochas» em alguns ar-

tigos especiais na «Renascença» (XXXIII) e «O Occidente» (XXXIV), e nuns apontamentos publicados póstumos na «Revista de Guimarães» (XXXVI).

Cartailhac, nas suas «Ages préhistoriques de l'Espagne et du Portugal» (X), e o doutor J. Leite de Vasconcelos no vol. I das «Religiões da Lusitânia» fazem-lhes ligeiras referências. O Dr. José Fortes (XXI) estabeleceu pela primeira vez em 1906 um paralelo com gravuras congéneres da *Irlanda*.

## FIGURAS HUMANAS ESQUEMÁTICAS E ESTILIZADAS.

Na figura 1 está representado um curioso petroglifo antropomorfo, de 0,29 m. de altura e 0,20 m. de maior largura.

A cabeça, que parece estar voltada para a esquerda do observador, é formada por uma cóvinha eliptica. Num traço longo, que figura o pescoço, insere-se perpendicularmente outro, rematado por cóvinhas e orientado N-S, representando os braços no prolongamento um do outro. Os membros inferiores aparecem sob a forma de dois traços paralelos, recurvados na extremidade para indicar os pés.

Fig.ª 1 - Sabroso. Gravuras rupestres. 1/20

Este petroglifo tem grande afinidade com um da *Galiza*, considerado pelo professor H. Obermaier como do grupo mais antigo da idade do bronze (XLIX, p. 53).

Na representação dos membros inferiores aproxima-se doutros de *Outeiro Machado* (Chaves), *Penedo das Gamelas* (Arraiolos) e da *Casóta de Paramo* (Barbanza, Galiza) (LVIII).

A forma pouco vulgar dada aos pés observa-se no dólmen de *Soto* (Huelva) (LXXIV), em *Cabezón de la Sal* (LXI), e sobretudo nas gravuras e baixos-relevos da 2.ª idade do ferro e galaico-romanos do *Monte do Castelo* (Penafiel) (LXX), *Pedra dos Namorados* (Ponte da Barca) (LXXV) e *S. Tecla* (Galiza) (LXVIII).

Juntamente com a figura humana esquemática da fig. 1, e logo acima dela, aparecem agrupadas duas estilizações extremas em forma de U ou de ferradura, que, representarão a associação dos dois sexos.

Apezar-de muito conhecidas as «ferraduras», cremos que ainda não foi considerado êste grupo, que parece ver-se noutra pedra de *Sabroso* (fig. 4, II, no canto inferior direito), descoberta por Martins Sarmento em 1878 (XXXVI, Rev. Guim. *XXVI*, p. 131).

Encontra-se também esta associação na pedra das *Ferraduras Pintadas* (Bemfeitas), e talvez em *A Vidueira* (Galiza) (LXIV).

As gravuras em forma de U aparecem em *Portugal* em: *Outeiro Machado* (Chaves), *Bagunte* (?), *S. Martinho, Campeã* (?), *Entre-os-Rios, Ferraduras Pintadas, Cantinhos*, dolmen de *Carvalha do Fial* e *Gândara do Fial*. Conhecem-se em várias localidades da *Galiza* (LXVI), especialmente no *Monte da Pía* e *A Vidueira* (Urdiñeira); em *Espanha* (Soria, etc.) e na *Irlanda* (Roth Kanny) (LIX).

Esta estilização é freqüente nas pinturas paleolíticas do Sul de *Espanha* (Azogue, Aldeaquemada, Cueva de los Murciélagos, etcétera,), pertencentes aos grupos 6 e 8 de estilizações de Obermaier (LXXII). M. Baudouin considera estas gravuras como representando cascos de equídeos.

O prof. Obermaier inclue no grupo mais antigo (gravuras simples, geometricas e esquemáticas) as gravuras em U da Galiza, e o mesmo critério é seguido por Burkitt com respeito às da *Irlanda*.

Não é porêm raro encontrarem-se juntos desenhos de vários tipos, como sucede em *Sabroso* com a aparição simultánea de figuras esquemáticas e círculos concêntricos.

## CIRCULOS CONCENTRICOS.

Aparecem três e quatro círculos concêntricos com uma cóvinha central, e algumas vezes com um sulco radial (fig. 2), sendo o diametro máximo de 0,34 m.

São muito freqüentes em *Sabroso* e *Briteiros*, onde Martins Sarmento os encontrou em mais de quinze penedos e por vezes em grande abundância (fig. 4, III.) Referindo-se a êles diz Cartailhac: «Les signes en question sont formés tantôt par un ou deux et trois cercles concentriques..., tantôt par des cercles traversés d'un cote jusqu'au centre par une courte tige... le nombre de cercles sur une seule roche est une fois de dix-huit» X, p. (287).

Conhecem-se circulos concêntricos em *San Martinho* (Barco), *Monte da Saia, Sta. Marta*, e na *Pedra da Escrita* (Serrazes). Na *Galiza* indica T. Cuevillas quatorze localidades (LXVI), a que podemos acrescentar *Santa Tecla* (LXVIII) e *Oya* (XXVI).

Fora da Península os circulos concêntricos, quer simples quer com sulco radial, encontram-se sobretudo na *Irlanda* (Dowth, Knochckmany, Loughcrew, Mevagh, Muff, Sess Killgreen, etc.) (LIX, LXV) e ainda na *Inglaterra, Suecia*, etc.

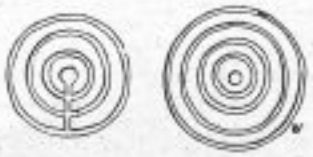


Fig.ª 2-Sabroso. Circulos concêntricos com sulco radial e simples. 1|20

Como sobrevivências notáveis do traçado de circulos concêntricos na mesma estação, convem não esquecer que apareceram no solo duma casa circular de *Sabroso* (XXXVI, Rev. Guim. XXVI, p. 13), e que em *Briteiros* se encontram associados ao nome CAMAL (XXXIII, p. 25 e Rev. Guim. XXI, página 110).

As combinações circulares são consideradas pelo prof. Obermaier como do grupo mais recente da idade do bronze (XLIX), baseando-se no seu caracter evolüido e maior dificuldade de execução.

A evolução das gravuras esquemáticas de braços levantados numa atitude coreográfica, até dar lugar aos circulos concêntricos foi primeiro considerada pelo Ab. H. Breuil (LVII), sendo fácil de aceitar por uma escolha conveniente de desenhos.

A figura humana apenas com os braços levantados encontra-se em *S. Martinho* (Barco), *Gândara do Fial* e *Eiras da Seixa*.

O inicio da estilização aparece em *Sabroso* (fig. 4, I) num circulo (proveniente da união dos braços acima da cabeça) com uma cóvinha central, donde parte um traço secante. Encontram-se depois em *Briteiros*: dois e três circulos concéntricos com cóvinha central e cortados por secantes (fig. 4, III); os mesmos com a secante reduzida a um raio (como em Sabroso fig. 2), e, por ultimo, os circulos apenas com a cóvinha central. Para Reber, e outros autores, os círculos concéntricos serão representações solares.

Aproximaremos destes desenhos pinturas do tecto do abrigo de *Valdejunco* (Arronches), onde aparece um circulo com uma secante partindo dum ponto central, e figuras femininas de mãos dadas, parecendo dançar.

Para o estudo da estilização destes desenhos, bem como para o de outras figuras da arte rupestre peninsular (cabeças em série, etc.), teem grande interesse as pinturas da II cerâmica de *Susiana* e da cerâmica prefaraónica do *Alto-Egipto* descritas por J. de Morgan (LXXI).

## CÓVINHAS.

Encontram-se em muitos penedos, merecendo apenas menção um grupo de 55 dispostas pouco mais ou menos em semi-circulo.

Martins Sarmento descobriu ainda em *Sabroso* cóvinhas formando desenhos regulares (fig. 4, I e II); o mesmo tendo sucedido a A. Girão na *Beira-Alta*.

Este tipo de gravuras é muito freqüente em *Portugal*, encontrando-se p. e. nas antas de *Candieira, Paço da Vinha, Paredes* (Evora), *Figueira* e *Entreaguas* (Pavia), *Penalva, Senhorim, Cota, Frieiro, Alvão*, etcétera; numa antela de *Ancora;* na sepultura da idade do bronze da *Quinta da Agua Branca* (Minho); nos penedos de *Amiais, Barreiros* (Senhorim), *Bemfeitas, Braçais, Guimarães, Moreira de Cónegos, Outeiro de Espinho, Regilde, S. Jorge, S. Martinho* (lage com mais de 300 cóvinhas), *S. Simão, S. Veríssimo, Soutelo, Tagilde, Taipas, Vizela*, etc.

Em geral todos os autores reconhecem ás cóvinhas um caracter religioso cujo simbolismo escapa; relacionado talvez com o culto

dos mortos, como faz pensar a sua proximidade ou existência nos megálitos, com o culto dos corpos celestes, etc.

Esta última hipótese há muito que reüne partidários como Th. Gravlund, Baudonin, Reber, Petersen e recentemente M. Schönfeld que a desenvolveu sôbre as gravuras rupestres *(helleristninger) de Bohuslän* (Suécia), publicadas por Baltzer nos «Glyphes des rochers du Bohuslän» (1881-1891) e sôbre outras gravuras dinamarquesas (LXXVI).

Se esta concepção está longe de ser comprovada não deixa contudo de ter «um caracter de precisão aparente, interessante de ser notado», segundo a opinião do professor Boule (LV).

ESPIRAIS.

Além das gravuras descritas, Martins Sarmento registou a espiral (XXXVI, Re-

Fig.ª 3 - Sabroso. Gravuras rupestres
*(Fot. do A.)*

vista de Guimarães XXVI, pp. 18 e 137), indiferentemente *dextrorsum* ou *sinistrorsum* (fig. 4, I), que aparece também em *Briteiros*, *Eiró* (Penhalonga), e *Freixo* (inédito).

Em *Briteiros* «ao pé da porta que dá para Castello-Rei» (XXXVI, Rev. Guim. XXII, p. 24), além de figuras complicadas e linhas sinuosas encontra-se um sinal labirintiforme do tipo de *Monte Mogor* (Pontevedra), de que não conhecemos outro exemplar em *Portugal*.

O Dr. J. Fortes estudando a espiral de *Briteiros* expunha a tese da origem oriental, hoje excluída, e pela primeira vez formulou a opinião da existência de relações prehistóricas entre a *Irlanda* e a *Peninsula Iberica* (XXI).

O Ab. H. Breuil, de acôrdo com o professor Macalister, exprime a propósito da *Irlanda*, que a sua arte, como a de *Creta*, é um producto local da civilização geral da *Europa* na idade do bronze, não passando as supostas semelhanças dum fenómeno de convergência (LVI). O mesmo professor conclue por observar a analogia dos petroglifos irlandeses com os bretoes e galegos, notável sobretudo com estes ultimos devido aos circulos concêntricos.

O mesmo caracter de independência da arte rupestre galega, que melhor diríamos *galaico-portuguesa*, é reconhecido pelo professor Obermaier, a quem se deve incontestàvelmente a orientação do seu estudo (XLIX, LXXIII).

Para o prof. J. Loth as gravuras de *Gavr'inis* são derivadas das peninsulares, encontrando ainda outras afinidades com as culturas da *Irlanda* e *Bretanha*, que explica por relações comerciais favorecidas pela corrente do Golfo (XXX, XXXI).

ARTE RUPESTRE EM PORTUGAL.

As manifestações artisticas prehistoricas —pinturas e insculturas— reveladas até hoje em *Portugal*, atingem um numero elevado, só assim compensando a rudeza que lhes vem do seu estilo esquemático e modo de execução.

No inventario seguinte estão seriadas as estações por provincias. Excluem-se aquelas onde apareceram sómente *cóvinhas*, por já estarem registadas, ou *idolos-placas*, por éste estudo se referir especialmente à arte rupestre. Não obstante incluimos na lista certas pedras avulsas insculturadas, por apresentarem grandes afinidades e a mesma área de dispersão.

**Pinturas.**

a) *megalíticas.*

Vandoma (Paredes). (XLII - XLV).

Sales (Montalegre). (XX, XXVIII, XXXII, XLVIII).

Meixedo (Montalegre). (XVIII).

Moncorvo (descoberta inédita do Dr. Santos Junior).

Mâmoa (Antelas, Pinheiro de Lafões). (XXIII).
Pedralta (Cota) (XI, XXV, XXXIX - XLI, XLIII, XLV).
Orca do Tanque (Sátam). (XXVIII).
Orca dos Juncais (Queiriga). (Id.)
Orca do Fójinho (Queiriga). (Id.)
Orca de Forles (Id.)
Sobreda (Oliveira do Hospital). (LIII, XXVIII).

b) *rupestres.*

Cachão da Rapa (Linhares, Anciães). (XII, XXVII, XIII, XVI, IX, VII).
Pala Pinta (Carlão, Alijó). (XLVII).
Valdejunco (Arronches). (L, XIV, VIII).

**Gravuras.**

a) *megalíticas.*

Vila Chã (Espozende). (XII, XXXVI).
Folão (Vila do Conde). (XXXV).
S. Marta (Penafiel). (III).
Ribeira do Buraco (Cota). (XXXIX - XLI, XLIII, XXIII).
Paranhos (Beira). (XXXVI).
Carvalha do Fial (Tondela). (XXIII, XXIV).
Ameais (Senhorim). (XXVII).
Pedra dos Mouros (Belas). (XV).
Freixo (Evora). (X).

b) *rupestres.*

Lanhelas (Caminha). (XXVI).
Viana do Castelo (XXVI).
Azevedo (Minho). (XXXVIII).
Cividade de Cossourado (Paredes de Coura). (I).
Gião (Arcos de Valdevez). (XIX).
Saia (Carvalhas, Barcelos). (XXXVI).
Santa Marta (Braga). (IV).
Sabroso (X, XXXVII).
Briteiros (X, XXXVII, XXI).
S. Tecla (Ronfe). (XXXVII).
Penedo dos Mouros (Ronfe). (XXXVII).
S. Martinho (Barco). (XXXVII).
Garfe (Guimarães). (XXXVII).
S. Martinho. (XXXVII).
Bagunte (Vila do Conde).
Entre-os-Rios. (II).
Sardoura (Castelo de Paiva). (Inédita).
Eiró (Penha-Longa). (LIV).
Marco de Canavezes.
Outeiro Machado (Chaves). (XLVI).
Samil (Bragança).
Gondezende (id.)
Guadramil (Bragança) nas Penas Escrevidas, como me informa obsequiosamente o Sr. Eng. Barata da Rocha.
Vila-Meã (Pedras Salgadas). (XLVI).
Penedo do Cobrão (Moncorvo). Desc. inédita do Dr. Santos Jr.
Baldueiro (Vilariça). Informe do mesmo senhor.
Pedra da Escrita (San Pedro do Sul). (XXIV).
Sejães. (XXIV).
Ferraduras Pintadas e Cantinhos (Bemfeitas). (XXIV).
Gândara e Eiras da Seixa. (XXIV).
Outeiro dos Mouros. (XXIV).
Ferraduras (San Miguel do Outeiro). (XXIV).
Gândara do Fial (Tondela). (XXIII, XXIV).
Loriga.
Espinho (Mangualde). (XXVII).
Pedraça (Senhorim). (XXVII).
Sant'Ana do Campo (Arraiolos). (XVII).

c) *em pedras avulsas.*

Casal (Paredes de Coura). (XXIX).
Moncorvo. (XXIX).
Vide (Moncorvo). (XXIX).
S. Martinho (Castelo Branco). (LII, XXIX, V).
Esperança (Arronches). (VIII).
Crato. (XXIX).

Reparando na distribuição patente no mapa da fig. 5, nota-se a importância que assume a região ao N. do *Rio do Mondego* por nela se encontrar a quási totalidade das estações, ligadas intimamente com as vizinhas da *Galiza*.

Por outro lado ao S. do *Mondego* encontram-se em abundancia os ídolos-placas e ídolos cilindros comuns á cultura do sudoeste espanhol.

Este facto tem grande interesse para os estudos da etnogenia e comparação das manifestações artísticas.

As pinturas, que se encontram em *Portugal*, desde o *Alentejo* (Valdejunco) até â fronteira setentrional (Sales), aïnda não foram observadas na *Galiza*. Representam a expansão das pinturas estilizadas paleoliticas e neoliticas do Sul de *Espanha*, nas quais se filiam.

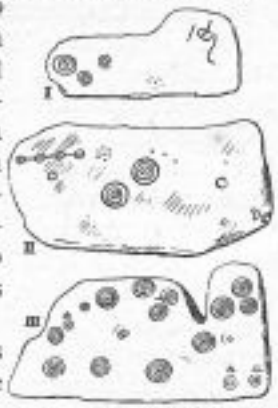



Fig.ª 4 - Gravuras rupestres: I e II de Sabroso, III de Briteiros
*(Segundo M. Sarmento).*

Só as figuras mais antigas do abrigo de *Valdejunco* serão paleoliticas (XIII, p. 19), as restantes pinturas devem pertencer ao neolítico final (Sales, Cachão da Rapa, Juncais, Oliveira de Frades, Valdejunco, etc.) e eneolítico inicial (Vandoma, Cota, etc.)

Aïnda são atribüiveis ao neo-eneolítico as insculturas dolménicas, que apresentam motivos simples (sinais cruciformes, figuras geométricas singelas e cóvinhas).

Quanto às gravuras rupestres havemos de concordar que, si é relativamente fácil traçar o quadro da evolução dos diferentes esquemas, é dificil separá-los cronológicamente em grupos absolutos, por aparecerem quási sempre agrupadas nos penedos figuras nos diversos graus de estilização, sem se poder estabelecer, como observa o prof. Obermaier, se se trata de tendências evolutivas ou duma evolução regressiva (LXXIII, página 21).

Seguindo a divisão classica de Obermaier (XLIX) em dois grupos —mais antigo e mais recente— daremos ao primeiro, alêm dos desenhos que se encontram nos megálitos, as variadas figuras esquemáticas; e ao segundo sacombinações circulares, as espirais e figuras complicadas, que atingan a idade do ferro.

Ao grupo mais antigo devem pertencer as insculturas de *Gião, Chaves, Vila Meã, Bemfeitas, Seixa, Fial, Pedraça, Arraiolos*, etc., e ao mais recente as do *Monte da Saia, Santa Maria, Sabroso, Briteiros* e arredores, *Eiró, Marco de Canavezes Pedra da Escrita*, etc.

Enquanto o primeiro grupo reproduz as gravuras megalíticas, o que o faz considerar como neo-eneolitico, o segundo deve pertencer ao bronze pleno, como pensam para a *Galiza* os professores Obermaier e Burkitt (XLIX, LIX).

Devem-se fazer reservas prudentes a esta cronologia relativa, v. g , por causa de possiveis sobrevivências e pelas surpresas que

Fig.ª 5 - Arte rupestre em Portugal. (Os circulos representam insculturas e os traços pinturas).

pode trazer o estudo dos sinais alfabetiformes de *Alvão* (Trás-os-Montes) e *Estrada* (Galiza).

As estelas funerarias, atribüidas ao eneolitico, representam na maioria o idolo funerario do tipo de *Peña Tu* (Asturias). Destacam-se as duas estelas de *S. Martinho* (Cas-

telo Branco) com representações antropomorfas particulares e cervídeos estilizados, que o Ab. H. Breuil comparou com scenas de caça de *Cogul* (VI); e as lápidas com armas insculturadas, da idade do bronze, de: *Sta. Victoria, Beringel* e *Mombeja* (Beja); *Defesa* (S. Tiago de Cacem); *Panoias de Ourique;* e *Marmelete* (Algarve), que se afastam dos tipos estudados (LXIX, LXVII, VII, XXXI).

As manifestações de arte rupestre galaico-portuguesa acompanham o florescimento da cultura do bronze no noroeste peninsular, como se vê comparando a sua área de expansão com a dos machados de bronze (XLI, p. 235; LXIII).

R. de SERPA PINTO.

Pôrto, Novembro de 1928.

## BIBLIOGRAFÍA DA ARTE RUPESTRE EM PORTUGAL


I **Alves Pereira** (Félix)—Rascunho de Velharias de Entre-Lima-e-Minho. *O Archeólogo Português*, XXVI, 1924, página 251.

II **Andrade** (Ab. Vieira de)—Castro de Entre-os-Rios. *O Arch. Port. XXIII*, 1918, p. 74.

III **Azevedo** (Pedro A. de)—Noticias varias, 5. O Penedo das Merendas, *Arch. Port. XI*, 1906, p. 238, Cf. 16, I p. 16 e V p. 190.

IV **Bellino** (Albano)—Cidades Mortas. *O Arch. Port. XIV*, 1909, p. 1.

V **Belhencourt Ferreira** (J.)—Vestigios do culto da serpende (ofiolatria na pre-história) lusitánica. *A Águia*, V. 1924.

VI **Breuil** (l'Abbé H.) e **J. Cabré Aguiló**—Les peintures rupestres du bassin inferieur de L'Ebre. Ext. de *L'Anthropologie XX*, 1909, p. 10.

VII—e M. **Burkitt**—Les peintures rupestres d'Espagne. *VI*—Les abris du Mont Arabi près Yecla (Murcie). *L'Anthr. XXVI*, 1915, p. 312 e segs.

VIII La roche peinte de Valdejunco à la Esperança près Arronches (Portalegre), *Terra Portuguesa, III*, 1917, p. 17.

IX **Cabré Aguiló** (Juan)—Arte rupestre gallego y portugués (Lira d'os Mouros y Cachãs da Rapa), *Memorias publicadas pela Soc. Portuguesa de Sc. Naturais*, II. Lisboa, 1916.

X **Cartailhac** (E.)—Les âges prehistoriques de l'Espagne et du Portugal, Paris, 1886.

XI **Coelho** (José.)—Policromia megalitica Vizeu, 1924.

XII **Contador de Argote** (P. Jeronimo)—Memorias para a historia eclesiastica do Arcebispado de Braga Primds. das Hespanhas, Lisboa, 1734. Ed. latina 1738.

XIII **Correia** (Vergilio)—Arte préhistorica. Pinturas rupestres descobertas em Portugal no Sec. *XVIII. T. Port. I.* 1916 p. 156. Obra a consultar para a bibliografia do Cachão da Rapa.

XIV Pinturas rupestres da Sra. da Esperança (Arronches). *T. Port.* I. 1916, p. 158.

XV Gravuras do «dólmen» da Pedra dos Mouros (Belas)' *T. Port. II*, 1917, p. 185.

XVI A propósito da «Arte rupestre gallego y portugués» do Sr. Juan Cabré Aguiló, *T. Port II*, 1917, p. 186.

XVII El neolitico de Pavia (Alentejo-Portugal). Mem. número 27 da Com. de Inv. Pal. y Preh. Madrid, 1921.

XVIII **F. Barreiros.** Materiaes para a Arqueologia do Concelho de Montalegre, *O Arch. Port, XXIV*, p. 58.

XIX **Fontes** (Joaquim)—Uma excursão arqueológica á Galiza *Arqueologia e Historia*. V. Lisboa, 1917.

XX **Fortes** (José)—A necrópole dolmenica de Salles (Terras de Barroso). *Portugalia*. I. 1901, p. 665.

XXI—La spirale prehistorique et autres signes gravés sur pierre. Etude sur les relations antéhistoriques de l'Ibérie avec l'Irlande. *Revue Prehistorique* premiêre, 1906, n.º 10, Paris, 1907.

XXII **Gimpera** (P. Bosch)—Arqueologia preromana hispanica. Ap. á *Hispania* de A. Schulten, Barcelona, 1920.

XXIII **Girão** (Aristides d'Amorim)—Antiguidades prehistoricas de Lafões. Publicações do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra. *Memorias e Noticias*, número 2. Coimbra, 1921.

XXIV Arte rupestre em Portugal (Beira-Alta). *Biblos*, I, número 3. Coimbra, 1925.

XXV Monumentos pré-historicos do concelho de Viseu. *O Arch. Port. XXVI*, 1927, p. 282.

XXVI **Jalhay** (P. Eugénio)—Los grabados rupestres del extremo Sudoeste de Galicia (Alrededores de Oya-Provincia de Pontevedra). *Bol. Arqueológico de la Com. Prov. de Monumentos de Orense. VII* n.º 167, 1926, p. 373.

XXVII **Leite de Vasconcelos** (José) Religioês da Lusitania I Lisboa 1897.

XXVIII Peintures dans les dolmens du Portugal. *L'Homme Prehistorique*. V. Paris, 1907.

XXIX Esculpturas prehistoricas do Museu Ethnologico Português. *O Arch. Port. XV*. 1910 p. 81.

XXX **Loth** (J.)—Rélations directes entre l'Irlande et la Peninsule Ibérique à l'époque énéolithique. *Mem. de la Soc. d'Hist, et d'Arch. de Bretagne. VI*. 1926, p. 137. Am. de B. Gimpera no Butl. de l'Ass. Cat. d'Antr. *IV*. 1926, p. 289.

XXXI Rélations directes entre l'Irlande, l'Armorique et la Peninsule Ibérique à l'époque énéolithique. *Bull. de la Soc. d'Hist. e d'Arch. de Bret. VII*. 1926 p. I,

XXXII **Luquet** — Les pétroglyphes de Gavr'inis. *L'Anthr. XXIV* p. 160 e fig. 34. Paris, 1913.

XXXIII **Martins Sarmento** (F.)—Sinaes gravados em rochas, *Renascença*, Porto, 1878, p. 25. Sobre a bibl. de Sarmento consultar o excelente trabalho de M. Cardoso - *Bibliografia Sarmentina* Sep. da Revista de Guimarães 1927 e Ibid. 1928.

XXXIV Arte pre-romana. *O Occidente* II. 1879 p. 157.

XXXV Aditamento á «Noticia Archeológica sobre o Monte da Cividade» de R. Severo e A. Cardoso. *Revista de Guimarães* III. 1886 p. 142 segs.

XXXVI Materiaes para a archeologia da comarca de Barcelos. *Rev. de Sciencias Naturaes e Sociaes* III. Porto 1895.

XXXVII Materiaes para a archeologia do concello de Guimarães. *Rev. de Guim. XVI, XVIII, XIX, XXI, XXII*.

XXXVIII Carta ao Dr. J. L. de Vasconcelos. *O Arch. Port. VI*. 1901 p. 183.

XXXIX **Mendes Corrêa** (A. A.)—Arte prehistórica na Beira. *Noticias de Vizeu*. 12. X. 1924.

XL Pinturas e insculturas megaliticas. *Revista de Estudos Históricos*. I. Porto, 1924. p. 65.

XLI Os povos primitivos da Lusitania. Porto 1924.

XLII Prehistoria no distrito do Porto. *A Aguia* números 37 a 48 (3.ª serie) - Porto, 1926.

XLIII Nouveaux documents sur l'art prehistorique du Portugal. *Revue Anthropologique XXXVIII.* 1928 p. 169.

XLIV Le serpent, totem dans la Lusitanie proto-historique. *Anais da Fac. de Sciencias do Porto. XV.* 1928.

XLV Historia de Portugal. I. A Lusitania pre-romana. pp. 132 segs. Barcelos 1928.

XLVI Art rupestre en Traz-os-Montes (Portugal). A publicar na *Revue Archéologique*. Paris.

XLVII **Mesquita** (H. de) e V. **Correia** — A Pala Pinta. *T. Port.* números 33-34. 1922 p. 145.

XLVIII **Obermaier** (Hugo)—Die dolmen Spaniens. *Mitt. der Anthr. Ges. in Wien.* Bd. L. Wien 1920.

XLIX Die bronzezeitlichen Felsgravierungen von Nordwestspanien (Galicien). *Ipek* 1925.

L **Pacheco** (Eduardo Hernández)—Pinturas prehistóricas y dólmenes de la región de Albuquerque (Extremadura). *Bol. de la R. Soc. Esp. de Hist. Nat. XVII* 1917. Reproducido na nota n.º 8 da Com. de Inv. Pal. y Preh.

LI **Pereira Lopo** (A.)—O Castro do Lombeiro de Maqueiros *O Arch. Port.* V, 1900, p. 14.

LII **Proença Junior** (F. Tavares de)—Notice sur deux monuments épigraphiques. Coimbra. 1905. Ver biblios. Sobre o assunto n'*O Arch. Port. XV*, 1910 p. 41.

LIII **Santos Rocha** (A. dos)—As Arcainhas do Seixo e da Sobreda. *Portugalia.* I. fase I.ª p. 13. Porto. 1899.

LIV **Vitorino** (Pedro)—Insculturas do Monte d'Eiró. *O Arch. Port. XXV*, 1924, p. 20.

## BIBLIOGRAFÍA GERAL.

LV **Boule** (M.)—L'astronomie prehistorique en Scandinavie. An. de LXXVI em *L'Anthr. XXXI.* 1921, p. 178.

LVI **Breuil** (H.)—Les pétroglyphes d'Irlande (Notes de voyage). *Revue Archéologique XIII*, 1921, p. 75.

LVII—e **Macalister**—A Study of the chronology of bronze age Sculpcure in Ireland. *Proc of the Royal Irish Academy, XXXVI*, 1921. Citado por *XLIX*.

LVIII **Brey** (F. Bouza) e F. L. **Cuevillas**—Prehistoria e folklore da Barbanza. *NÓS*, 1927.

LIX **Burlit** (Miles)—Notes on the art upon certain mega lithic monuments in Ireland. *Ipek*, 1926, p. 52.

LX Our early ancestors. Cambridge, 1927.

LXI **Carballo** (Jesús)—Descubrimiento de un centro de arte neolítico en la provincia de Santander. *Actos y Memorias.* Soc. Esp. de Antr. Etno. y Preh. I. 1922, p. 141.

LXII *Carta Geodésica de Portugal* (1: 100.000). Folha 4.

LXIII **Castillo** (Angel del)—Hachas de bronce de talón. Sep. do *Bol. de la Real Academia Gallega*, 1927.

LXIV **Cerdeiriña** (Anxel R.)—Notas pra un estudio da Urdiñeira. *NÓS*, núm. 31, 1926, p. 36.

LXV **Coffey** (G.)—The origin of prehistoric ornaments in Ireland. *The Journal of the Royal Society of Antiquaries* 1894-97. Citado por *XXI*.

LXVI **Cuevillas** (Florentino L.)—Nota en col de unha inscultura inédita de Tenoiro. *Bol. R. Ac. Gal. XXIII*, número 200 1928.

LXVII **Dechelette** (X.)—Manuel d'Archeologie préhistorique celtique et gallo-romaine, 2.ª ed. Paris, 1924.

LXVIII **Garcia** (Julián L.)—La citania de Sta. Tecla 1926.

LXIX **Leite de Vasconcelos** (J.)—Estudos sobre a época do bronze em Portugal. *O Arch. Port. XI*, 1906, p. 179 e *XIII*, 1908, p. 300.

LXX **Mendes Corrêa** (A. A.)—O petroglifo do guerreiro lusitano do Monte do Castelo de Penafiel. *Broteria.* Série mensal, *IV*, 1927.

LXXI **Morgan** (J. de)—L'influence asiatique sur l'Afrique à l'origine de la civilisation egyptienne. *L'Anthr. XXXI.*

LXXII **Obermaier** (Hugo)—El Hombre Fosil. Mem. número 9 da Com. de Inv. Pal. y Preh. *1.ª ed.* Madrid, 1916.

LXXIII Impresiones de un viaje prehistórico por Galicia. *Bol. de la Com. de Mon. de Orense, VII*, núms. 148, 149, 1923.

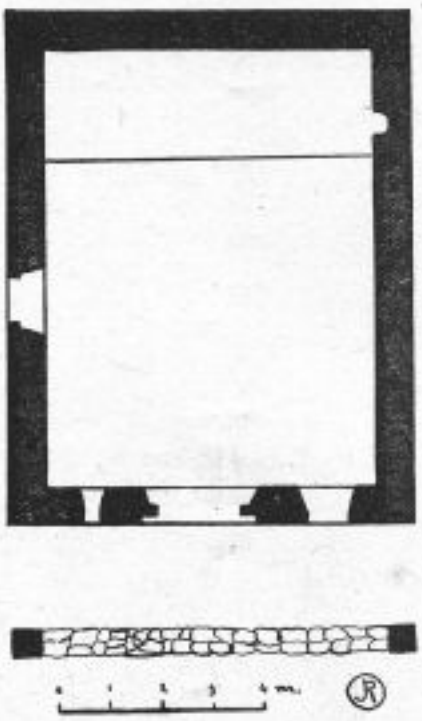
LXXIV El dólmen de Soto (Trigueros; Huelva). Sep. do *Bol. de la Soc. Esp. de Excursiones, XXXII*, 1924.

LXXV **Rocha Peixoto**—A pedra dos Namorados. *Portugalia.* I, p. 807.

LXXVI **Schönfeld** (M.)—L'astronomie préhistorique en Scandinavie. *La Nature.* 49e. année, 1921, núm. 2444, p. 81.

# A EIREXA PRE-ROMÁNICA DE FRANCELOS

Con motivo da primeira misión de estudios arqueolóxicos que organizou en Galiza a *Junta para la ampliación de estudios*, visitéi a eirexa de Francelos acompañando a D. Manuel Gómez Moreno. Dende aquela visita, feita o dia 12 de Agosto de 1927, vense retrasando a pubricación de unha noticia sobre tan interesante moimento, pol-o deseo de outer de él unha información gráfica compreta. Hoxe, obtidas as fotografías pol-os Sres. Sánchez e L. Cuevillas e levantada a pranta por Ramón Fernández, arríscome a pubricala, cumprindo os desexos do meu mestre o Dr. Gómez Moreno, que, c'un agarimo que agradecín de cheo, honroume ca sua axuda, aumentando e correxindo as miñas notas. Esta papeleta é como un avance de unha noticia que sairá no Archivo Español de Arte e Arqueoloxía do Centro de Estudios Históricos.



Francelos tópase a dous kilómetros de Ribadavia, cara o S. perto da carretera de Vigo e no centro do chan que chaman de Valparaíso. Provincia de Ourense. Diócesis de Tuy.

Soa Francelos entre as localizacións das moedas visigóticas que levan as leendas: FRAVCELLO (Witerico, Suinthila) e FR·AVCEL:O (Chindaswinto), frente á atribución a Frogelos, mais xeneralmente aceptada, sendo de notar que Heiss coloca a Francelos na diócesis de Astorga â que nunca pertescéu (1).

Meruéndano (2) e unha relación de casas relixiosas de diócesis de Tuy (3), dan como segura a existencia en Francelos, durante os séculos IX e X de un mosteiro benedictino, unido pouco despois a Celanova. A noticia debe proceder de Avila y La Cueva, que precisa ainda mais decindo era de monxas, (4). O único dato que respecto a esto parece comprobado é o de que no século XVII os terreos cercanos â eirexa chamábanse «do mosteiro».

En 1156, figura Santa María de Francelis entre as eirexas adxudicadas por Alfonso VII ô Cabildo de Tuy, no privilexio confirmador das posesións do Obispo e da Conga. Este previlexio, confirmado â sua ves por Alfonso X, en 1279, foi pubricado por Flórez na España Sagrada (5).

Deica os fins do século XV esta eirexa tiña a advocación de Santa María Magdalena que trocou pol-a de San Xés, que hoxe leva, sendo anexionada co seu territorio e feligreses â parroquial de Santiago da vila de Ribadavia.

Avila y la Cueva de quen procede este dato recolle abundantes notas sobre a situación d'estas eirexas nos pleitos entre o mosteiro de Oseira e os bispos de Tuy sobre a cuestión dos diezmos (6).

Según Meruéndano, existían en 1674 anacos de construccións cercanas â eirexa que se tiñan por restos do antigo mosteiro. Tamén foron considerados como cimentos de él uns c'os que se tropezou ô abrir as trincheiras pra a vía férrea nos anos de 1871 e 1872.

***

Meruéndano a quen seguiu o P. Eiján, ô falar de Francelos (7), dá unha sinxela noticia dos elementos importantes que se conservan da vella eirexa, decindo que nos muros da capela actual existen «empotradas algunas piedras procedentes del antiguo edificio... Tales son una en que se hallan toscamente grabadas o esculpidas algunas figuras al parecer de monjes y otra calada formando una reja, con más dos columnas y sus capiteles que se hallan colocadas a los lados de la puerta de la capilla».

A eirexa de Francelos, de pranta rectangular e pequenas proporcións (7 X 10 metros ô exterior) non nos ofrece outro motivo de estudio que os elementos decorativos e membros arquitectónicos que se topan na sua fachadiña, cobixada baixo un pórtico e albeigada, en gran parte.

A porta presenta un dintel adovelado, moderno, metido baixo un arco de medio punto, algo peraltado, de gran dovelaxe, que é o primitivo, e duas medias columnas laterales, adheridas âs xambas. As basas de estas columnas están formadas por un plinto, un tambor cilíndrico, un bocel e unha semiescota moi breve.

O fuste monolítico das columnas, está decorado, en toda a sua altura, por un tronco vertical nudoso, do que saen ramas pareadas, con sendos racimos. Os capiteles son entregos, tallados nos mismos sillares dos relieves de que logo se falará, e compostos de catro ordes de follas carnosas e con nervio central moi acusado. Ambos presentan ábaco rectilíneo de pouca outura e carecen de collarino.

Xunto ôs capiteles vénse dous relieves de tipo moi parecido ôs de San Xohan de Camba, que representan esceas similares; no da banda de Espistola dous persoaxes con túnicas longas erguen â outura dos ollos algo que pode ser un ramo en honor de outro persoaxe que, cabalgando nun xumento, levanta a man en actitude de beizoar. O espacio entre a derradeira figura e o cerco está ocupada por unha estilización de arbre, ô parecer.

O outro relieve amostra a figura que cabalga de xeito que parece ser detida por un persoaxe, tamén con túnica longa, que leva en alto un ouxeto puntiagudo, como coitelo. O cerco que no outro relieve é rectangular se axusta n'este ô contorno das figuras.

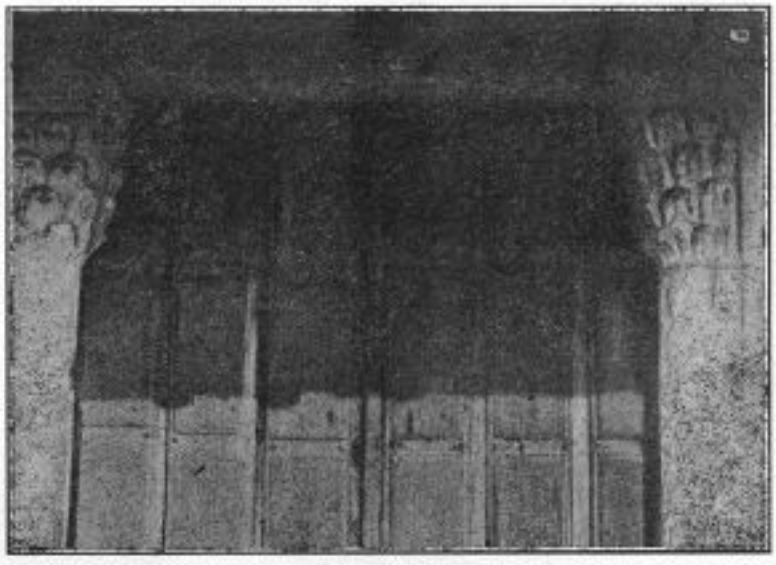
Cicais poideran interpretarse como representacións da entrada do Señor en Xerusalém e de Balaam detido pol-o anxo.

A pouca outura do chan, e na banda da Epístola, ábrese unha ventán de arco de medio punto, con celosía de pedra calada formando dous florons de oito pétalos e tres arquiños de ferradura no outo; o seu cerco se compón de unha moldura retorta, como corda, un tallo ondulante con follas acorazonadas i-enriba, cíñendose ô semicírculo duas parexas de aves afrontadas e duas follas soltas, acaso. A fotografía dá unha perfecta idea da disposición de estes elementos e da ornamentación da celosía. Ô outro lado unha simpre ventán con reixa de ferro.

Non é seguro que todo o dito sexan pezas aproveitadas de outra construcción; ainda somella difícil que o arco teña sido reposto. En troques a celosía mais parece corresponder a un testeiro de capela. Sería mester desencalar as dovelas do arco e recoñecelo por dentro.

MENSURAS.—Arco: outo, 1'10; diámetro, 1'80; dovelaxe, 0'80. Columna: outo total, 2'10. Espacio entre os ábacos, 1'50; entre fustes, 1'70. Capitel: outo, 0'53; ancho, na parte superior, 0'50; na inferior, 0'20; fuste, 1'18; basa, 0'40. Celosía: outo total, 1'47; ancho, 0'91. Relieves: Outo, 0'52; ancho respectivamente, 0'80 e 0'52.

CRASIFICACION E DATA.—Según Don Manuel Gómez Moreno, todol-os caracteres do edificio obedecen ô arte asturiano avan-

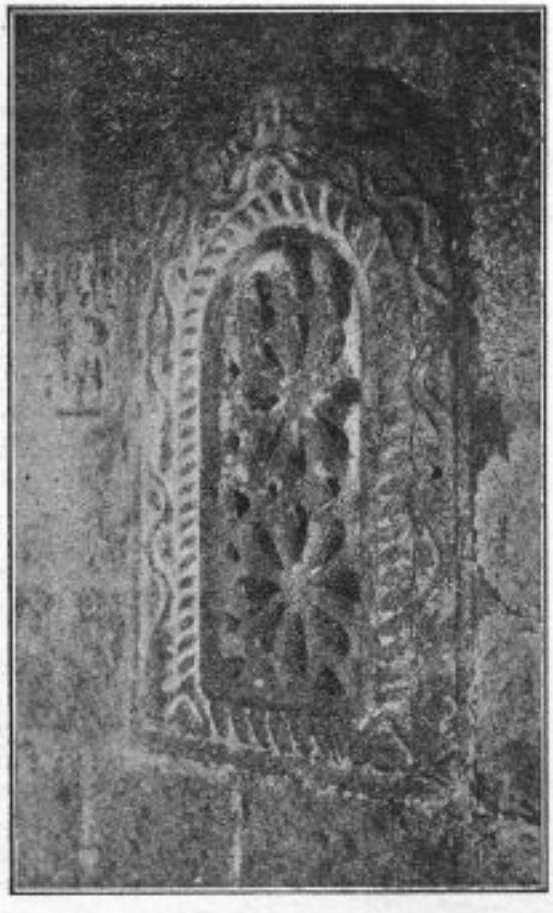


Fot. Sánchez

Fig. 1.—FRANCELOS.—Detalle da porta

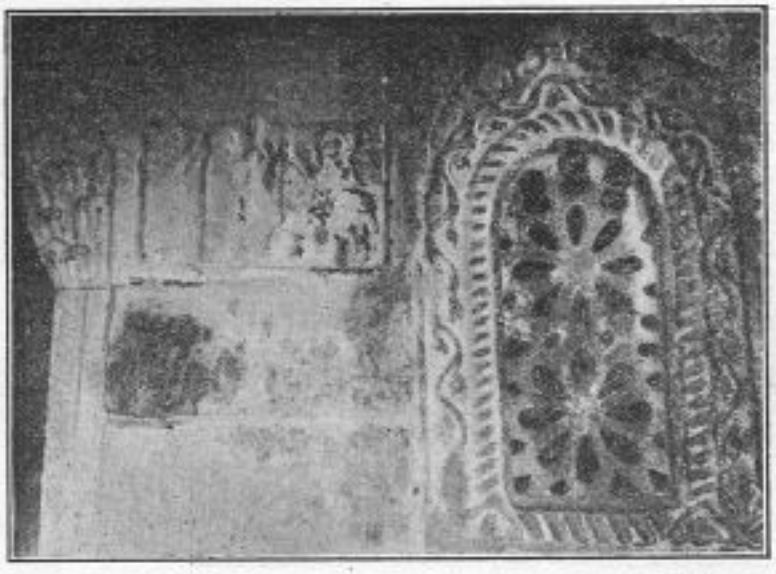
Fot. Cuevillas

Fig. 3.—Capitel e relieve da banda da Epístola



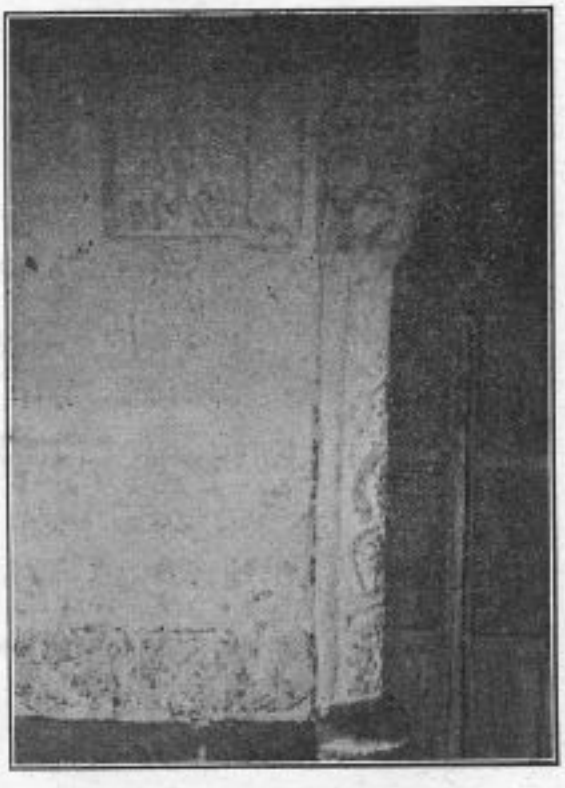
Fot. Cuevillas

Fig. 5.—Celosía na banda da epístola



Fot. Sánchez

Fig. 4.—FRANCELOS.—Capitel, relieve e celosía, na banda da Epístola



Fot. Cuevillas

Fig. 2.—Columna, capitel e relieve da banda do Evanxeo

zado. O peraltado do arco; as columnas cos seus capiteles entregos e os seus semifustes adheridos ás xambas; os capiteles casi iguales ós de Liño que se conservan nos museos de Oviedo e Madride; a celosía, tan semellante ás de Priesca e Argüelles; a técnica plana dos relieves, ainda menos modelados que os de Camba. Somentes os fustes, co seu adorno vexetal, constituien un avance respecto os de Naranco, provistos de estrías curvas entre sogueados verticales. Pode creerse concluye o Dr. Gómez Moreno, que corresponderá o edificio á mitade do sigro IX ou pouco despois, e destaca entre todos os de Galicia pol-a sua riqueza decorativa e antiguidade, dentro de aquel período, sin rastro de mozarabismo ainda.

XOSE FILGUEIRA VALVERDE

## NOTAS

(1) Pio Beltrán—Las monedas visigodas acuñadas en la Suevia Española (Diócesis de Iria, Lucus, Aurense, Tude y Asturica) B. C. P. M. Ourense t. V, números 101 a 106, Marzo 1915 a Febreiro 1916.

(2) Meruéndano — Origen y vicisitudes de las antiguas cuatro parroquias de la villa de Ribadavia, de sus dos conventos y de los hospitales de la mismma. Ourense, Otero, 1914 páxinas 31, 32.

(3) Breves noticias de las casas religiosas que hubo en la diócesis de Tuy, de las que se conservaron hasta la extinción de regulares en 1855 y de las que permanecen hoy. Bol. Ecl. de el Obispado de Tuy, Año II, núms. 30, 31, 32, 15 Abril a 15 de Mayo, 1860.

(4) Avila y la Cueva—Historia del Obispado y Ciudad de Tuy. M. S. perteneciente a la Sociedad Arqueológica de Pontevedra, capítulo III, párrafo 12 y siguientes.

(5) Flórez—España Sagrada, XXII, página 89 y Apéndice XIII.

(6) Avila y la Cueva, Ob. cit.

(7) P. Samuel Eiján O. P. M. Historia de Ribadavia y sus alrededores. Madrid, 1920, páginas 70 y 71.

# POR TERRAS ORIENTALS

(CARTAS ENCOL DA MIÑA PILINGRINAXE)

III

Nápoles.

Moi cediño imos pr'a estazón a tomal-o tren que nos ha levar deica Nápoles, a segunda cibdá italián. Unhos minutiños nada mais e xa non verei Roma, isa cibdá, nai paridora de tantos pobos antergos que ainda hoxe levan aceso nas maus o fachón sagro da civilización mais escolleita; isa cibdá que se perdeu a hexemonía d'outrora, mantén outo o cetro espritoal do catolicismo que quer dicir, universalidade. Millor que co-as verbas de dispidida cheas de cativa intenzón que lle botou o Bautista Mantuano (citado pol-o Erasmo nos seus *Colloquia)* e que din eisi: *Roma vale, vidi; satis est vidisse, revertar...* etc, eu doullo o adeus cos versos do bon Horazo (1) nos que latexa sen dúbida un pensamento imperialista, pro non do todo alleo on senso ortodoxo:

*Augur et fulgente decorus arcu*
*Phebus, acceptusque novem Camoenis,*
*Qui salutari levat arte fessos*
*Corporis artus,*
*Si Palatinas videt aequus arces,*
*Remque Romanam Latiumque felix,*
*Alterum in lustrum, meliusque semper*
*Proroget aevum.*

Encol disto do imperialismo non podo aturar o dicirche duas verbas. E deixando o sân imperialismo quasi doumáteco da Roma Católica que quizais se podería chamar millor *paternalismo,* dixérase con refirenza o outro, que aquil lévedo posto fai vintedous séculos, non se derramou do todo, sonón que por vegadas síntese con forzas coma pra loitar coas leises históricas dos pobos e hastra co-aquela *razón esquirta* que é a ademirazón do mundo inteiro.

Debo anotarche que istas considerazós, eiquí espalladas afeito, son o produto das impresiós tidas onte por cuaselidá, cando dispois de lle bicar o anelo ô gran Papa Pío XI, quen con sereidade sobornatural, leva n'istes tempos bulideiros e abourantes o timón da Eirexa, pasei preto do pazo do Duce. Eu iba facerlle unha visita a unhas monxiñas hespañoas que viven nun conventiño apegado ô devandito pazo. Ô tempo de entrar ollo que entran pol-a mesma porta un fato de soldados armados. Pareime unha pizcalla, feito un parvo, e enxergo que arredor da parede outísima que pecha aquil gran pazo e a unha distanza de dez en dez metros hai unha cadeia de gardas con fusils.

Cando lles espuxen âs monxiñas a miña estraneza dixéronme que de día e de noite s'estaban alí aquiles homes e que tiñan tales ordes que nin xiquera se podian se falar os ús cos outros. Se cadra de ó Musolini estar fora, fáiselle igoal a garda e cando está pra se vir un pelotón éntrase pol-o pazo e esculca ben esculcados os recantos todos da casa. Hai medo, moito medo de que se esborralle a obra do Duce, direuto herdeiro dos vellos emperadores románs. E é, meu amigo, que os imperialismos que non teñen outros cimentos mais que os postos pol-a forza, abanéanse e hastra se veñen abaixo aixiña, e mais nos pobos insinados na escola da *forza do direito* e non do *direito da forza*. En fin, sempre será un axioma aquelo do *nihil violentum durabile,* e senón, deixémoslle tempo ô tempo.

Eisí matinaba eu camiño de Nápoles n'aquela mañán garrida, non bastando a

(1) *Carmen saeculare.*

arrincarme de tales pensamentos a vista fuxitiva e sangal dos fermosos eidos e currunchos raxados e esgazados pol-o tren n'unha carreira tola. Houbo, sí, algo que me chamou a atenzón e foi un nome: Caianello-Vaerano.

Foi no 22. Non sei quen xuncras me porpuxera un viaxe a Nápoles en automóbile. E eu créndoo de mais engado que facéndoo pol-o tren, animeime e por pouco me custa a pelexa. O auto era menos que medián. A pesar de saír a meianoite de Roma non viamos acabado o camiño. Pra romate, dispois de se parar moitas vegadas, deu tal contrapallazo n'unha costiña que me manquei ben na cabeza e grazas ô sombreiro que m'amparou senón posiblemente non cho conto hoxe. Isto pasounos eiquí arredor e eiquí mesmo deixamos o malfadado auto pra seguire no tren sen emportarnos do chofer que bruaba e gomitaba pol-a boca moitas falcatruadas, as cales ditas na sagra e doce língua do Dante, somellábannos chuchameles. O único que saquei foi a millor impresión da paisaxe e o poder determonos unha pizcalliña en logares cheos de relembros e belezas, coma Monte-Casino, Ceprano e outros. Por certo que en Ceprano copiei istes versos postos n'unha lápida no VI centenario da morte do Dante e que son proba de agradecemento ô outísimo Poeta por se relembrar d'aquil pobo na sua diviña *Commedia,* eternizándoo nas aas da fama:

*E l'altra, il cui ossame ancor s'acoglie*
*a Ceperan la dove fu bugiardo*
*ciascun Pugliese...* (1)

Cheguei ás duas o mesmo que no outro viaxe. E xa que mañán, pensei, teño de facer a imprescindíbile excursión de Pompeia e mais a de Vesubio, vou adicarlle toda a serán ô incomparabre museu. Ala vou aixiña ô traves d'istas rúas coñecidas denantes, non sen pousar os ollos nos letreiros das tendas onde se lên moitos Pérez e López. Porque Nápoles non pode negar anque queira, a sua enxebreza o mesmo na fala misturada de castelanismos que no ambente cibdadán.

O museu ten moitismo que vere. Coma se sabe é un dos millores do mundo. Aquil gran galego o Conde de Lemos a quen tanto deben os literatos castelás, Cervantes, Lope, Quevedo, Argensola, (algús llo pagaron dispoixa con alcumes â terra onde naceu) foi quen mandou facer iste edifizo pra Universidade dos Estudos: eisí o recoñece unha lápida no adro.

Non é posíbile darche unha ideia dos valores artísticos eiquí gardados. Centos de estautas en mármole e bronce de pirmeiro orde; esgrevios mosaicos de Erculán e Pompeia; baril coleuzón de xemmas románs e milleiros de ouxetos en ferro, bronce, vidro e terracotta, de un prezo insospeitedo. Básteche anotar que me fartei de ver o belido releve do Orfeo e Euridice, o Doríforo do Policleto, a Flora Farnesia, a Venus de Capua, o Touro Farnesio, verdadeira «montana de mármole», asegún o chamaron os antergos; o Hércules Farnesio, a estupenda Venus de Sinuessa e un fato de esculturas iconográficas dos emperadores, filósofos, oradores, poetas e loitadores mais asonados na Greza e na Roma. Sai un d'alí, por forza, con gran dôr de cabeza se non se fai o que eu fixen: cinguirme â ducia de cousas mais intresantes e de mais importanza na Arte.

¿Falareiche agora de Pompeia, do Vesubio, de Capri... *spatiis exclusus iniquiis?* Non é doado. Deixarémolo pra seguinte epístola que che poñerei dendes de a outa mar con rumbo a Mesina...

A. GOMEZ LEDO.

(1) Inferno, canto 28-V-15.

Está á esgotarse a
Historia Sintética de Galicia
por Ramón Villar Ponte.

# OS HOMES, OS FEITOS, AS VERBAS

NOTAS DE GALIZA.

ESTÁSE preparando pra esta primaveira, unha Semán Galega na cibdade do Porto, en cuia orgaizazón colaboran valiosos elementos d'aquela ilustre Universidade e do Seminario d'Estudos Galegos. O antusiasmo con que foi acollida a ideia pol-os nosos amigos do país irmau e pol-os intelectuás d'eiquí, fai agardar un grande éisito e un gran avance na fraternal cordialidade das duas terras e na colaborazón espiritual dos seus homes d'estudo.

NÓS, que sempre tivo com'un dos seus fitos primordiás a comunidade cultural lusogalaica, adírese dende logo co-a meirande ledicia a tan fermoso emprendimento, e adicará un númaro â dita festa.

***

ANÚNCIASE un traballo en col de Galiza do Sr. Ebeling, do *Seminar für romanischen Sprachen und Kultur* da Universidade de Hamburgo, que será pubricado nos *Studien* do dito Seminario. O Sr. Ebeling visitou a provinza de Lugo no outono derradeiro.

***

PLÁCIDO R. Castro pubricou un notabilísemo ensaio tidoado *La Saudade y el arte en los pueblos célticos*, estudo de comparanza, ilustrado con abondosos eixempros de poetas e escritores irlandeses, escoceses, galeses, galegos e portugueses, apuntando innegábeles identidades de sentimento. Leva un prólogo do noso colaborador M. Portela Valladares, escrito en galego, onde comenta tamén a saudade, â que chama atinadamente «epidemia da Gulf-Stream».

***

NO teatro Jofre do Ferrol estrenouse pol-o cadro de declamación de «Toxos e Frores» e de «Los Amigos del Paisaje Gallego», unha versión galega de *Le médecin malgré lui* de Moliére, feita pol-a Srta. Peruca Bouza Vila.

***

LA GACETA LITERARIA de Madrí ocúpase longamente, e con merecida loubanza, do libro d'Otero Pedrayo *Paisajes y problemas geográficos de Galicia*.

***

A Academia Galega acordou celebrar no ano 1923, conxuntamente o Centenario de Murguia e Rosalia.

***

A Editorial NÓS pubricou un fermoso libro de versos de Xulio Sigüenza: *Cántigas e verbas ao ar*, e outro de Xesús San Luís Romero: *A volta do bergantiñán*.

***

MOI logo pubricaráse o segundo volume dos *Arquivos do Seminario d'Estudos Galegos*.

***

NÓS comenzou o troque co-a sonada revista italiana *La Fiera Letteraria*, a iniciativa do Sr. Dr. Giacomo Prampolini, que nos fixo o ousequio de nos escribir pra s'informar da renacencia das nosas letras, das que tenciona ocuparse na *Fiera* e mais en *Nord-Sud*.

***

VAI saír o segundo volume de *Cousas* do Castelao.

***

TAMÉN s'iniciaron as relacións culturás co-a Bretaña, por intermeio do noso querido amigo e colaborador Philéas Lebesgue. Temos recibida unha amábele carta do bardo Taldir (Dr. François T. Jaffrennou), ilustre celtista e poeta en língoa bretona, adeministrador da revista *Le Consortium breton*, órgao principal do movimento renacentista

d'aquela terra irmá, â que dend'eiquí saudamos co-a meirande cordialidade.

Co-esto, agardamos tamén poder ter ôs nosos leitores ô corrente do movemento panceltista, ô qual Galiza non pode ser allea.

***

TEMOS recibido o número estraordinario do *Boletín Oficial Eclesiástico de la Diócesis de Orense* adicado ô Ilmo. e Reverendísimo Sr. Bispo D. Florencio Cerviño, no que ven a confrencia feita na Catedral d'Ourense pol-o noso amigo e ilustre arquiteuto Antón Palacios en col do seu grandioso proieuto de reforma da fachada e da gran plaza diante d'ela, que con tanto antusiasmo acolleu o Prelado. Ven ilustrada con planos e deseños que amostran a gran beleza da obra. Trai ademais a presentación feita pol-o Sr. Dr. Cerviño, e os discursos de don Marcelo Macías e Don Basilio Alvarez. Damos o noso parabén ô Sr. Bispo, e faguemos votos por que a grandiosa obra que tenciona chegue a ter realidade.

NOTAS DE PORTUGAL.

VAISE fundar na Universidade de Coimbra un *Instituto de investigaçoes historicas de navegaçoes e descobrimentos portugueses*, pr'o qual será adquirida a bibrioteca do ilustre profesor Dr. Luciano Pereira da Silva.

***

NO tocantes â espansión internacional da língoa portuguesa, dín que n-istes días inaugurarâse un curso de língoa e literatura portuguesas na Universidade de México, e pr'o vrau que ven, haberá outro na alemana de Marburgo. En Washington pubricou unha nova gramática portuguesa Mr. J. Dunn.

***

DESPOIS da Esposizón do libro portugués en Madrid, celebraránse outras no Instituto Ibero-Americano de Moscovia e mais na Esposizón de Sevilla.

Tamén noso colaborador Correa Calderón propuxo que se tivera outra en Galiza.

OUTRAS NOTAS.

A Universidade de Valencia instituíu cadeiras de língoa valenciana, d'historia e d'arte valencianas. Ferran Soldevila en *La Publicitat* propón esto com'un eixempro pr'a Universidade de Barcelona. Que diremos nós da de Compostela?

***

L'AMIC DE LES ARTS anuncia un número rabiosamente avangardista no que será combatida toda manifestazón de arte e loubadas todal-as aitividades antiartísticas. Coidamos que non compre propugnalas; elas dominan xa de seu...

***

LA GACETA LITERARIA pubrica unha páxina puramente catalana e outra portuguesa, nos respeitivos idiomas.

## LIBROS

TERRAS DE AMOR, por JAIME FRANCO SANTOS (Brasil), 1927.

JAIME Franco é un escritor brasileiro que nos dá n-iste libro as impresiós emocionadas e as ouservaciós xustas, d'unha viaxe por Portugal. Fálanos de terras ben coñecidas, e sabe evocar moi ben as lembranzas d'aquelas paisaxes, rematando, en pelerinaxe d'artista, na casa onde viveu Camilo Castelo Branco, verdadeira obriga de todo bon lusitanista.

Jaime Franco escribe sinxela e limpamente pra ben deixar trasparentar o que víu e sinteu, pois coma di o seu prologuista, Jorge Guimarães Daupiás, pouco parou en Lisboa e Porto: «Logo se embrenhou no sertão, andou nos comboios ronceiros, palmilhou as estradas poeirentas, enveredou pol-os sombrosos atalhos, defrontou os feracísimos campos, os verdes lameiros, entrou nas poéticas aldeias, foi aos brancos casais, meteuse nas alegres romarias e presenciou as devotas procissões,» probando a calidade do seu gusto e do seu sentimento.

LA NUEVA EMOCIÓN GALLEGA, por EDUARDO BLANCO AMOR, Buenos Aires, 1928.

ESTA é unha confrencia dada pol-o autor na «Asociación Amigos del Arte» de Bós Aires co gallo da esposizón d'augafortes de Xulio Prieto. N-ela fai non somentes unha perfeita caraiterización do ser galego, pra destacalo do totalismo hespañol en que por fora sole andar envolto e pol-o tanto desfigurado, senón qu'acomete unha historia compreta da nosa renascencia no seu mo-

mento dos Precursores e no d'agora, c'unha fonda coñecencia dos dous. Blanco Amor non é somentes un poeta: é un crítico e un ensayista, un curioso e omnívoro leitor, e ten unha gran capacidade de síntese e crareza d'esposizón, comunicativa ademais dos sentimentos qu'o moven; no meio da sua ouxetiva e tranquía sereidade. Galiza e os seus valores teñen n-il un incansábele propagandista, e os nosos artistas, coma Xulio Prieto, que motivou esta confrencia, un atinado e fondo intérprete.

## REVISTAS

BOLETÍN DE LA REAL ACADEMIA GALLEGA, Cruña, 1.º Enero 1929.

SUMARIO: Notas epigráficas: *Inscripciones medioevales que se conservan en el patio de San Clemente de Santiago*, por Angel del Castillo.—*Sección oficial.*—*Noticias.*

O Sr. Castillo ofércenos a lición de trece lápidas ou tampas funerarias dos seculos XI, XII, XIII e XIV, as dos tres primeiros latinas, as do derradeiro galegas, que están no páteo de San Clemente dend'a exposizón do ano 1909, e fai en col de elas atinadas ouservaciós sobr'a grafía, abreviaciós, etcétera. Trai deseños e fotografías.

BIBLOS, Coimbra, Novembro e Dezembro 1928.

SUMARIO: Dr. Antonio de Vasconcelos, *Fragmentos preciosos de dois códices paleográfico-visigóticos* (tiras e unha folla solta d'un Misal e d'un Antifonario, respeitivamente, atopados no Arquivo da Universidade de Coimbra).—Dr. Gonçalves Cerejeira, *A época das grandes sementeiras*—Pierre Salomon, *Um romance romanesco, «Lelia» de G. Sand.*—Eduardo-Felipe Fernández de Castro, *Notas para un «Indice» de escriturarios portugueses.*—Ferrand d'Almeida, *O órófilismo de J. J. Rousseau* (en col do sentimento da natureza e o gusto pol-as montanas no seculo XVIII).—Doctor Francisco Morais, *Da miniatura medieval e a sua relaçao com os codices miniaturados da Biblioteca da Universidade de Coimbra.*—Guido Battelli, *Il viaggio nuziale dell'Infanta Donna Eleonora di Portogallo.*—Ernesto Donato, *Os reservados da Biblioteca da Universidade de Coimbra.*—*Revista de revistas.*—Separata: P. José dos Santos Mota, *Métrica de Camões.*

O INSTITUTO, Coimbra, 4.ª Serie, volume 5.º, número 4.

SUMARIO: *O ensino da morfología humana*, por Geraldino Brites.—*Les Français en Portugal* (en col de relaciós literarias e d'estudos) por G. Le Gentil.—*Algumas observações acêrca da influência do inglês no Português e do maior veiculo dela—o francês*, por João da Silva Correia.—*Na agonia dum regimen—os ultimos anos da vigência do foral do Pôrto*, por Artur de Magalhães Basto.—*Uma carta de Monaci sôbre o «Cancioneiro da Vaticana»* (na que defende a edizón de Teofilo Braga), por Vitorino Nemesio.—*Raizes da alma latina* (traballo curioso de literatura comparada), por Estanco Louro.—*Do teatro na literatura indo-árica*, por Bernardino Garcias.—*Livros recebidos.*

A NOSA TERRA, 1.º Xaneiro 1929.

SUMARIO: *Ao decorrel-os días.—Esquemas e lembranzas*, por R. Otero Pedrayo.—*A Academia Gallega.—Lerias*, por Ben-Cho-Shey.—*Con ferreñas e pandeiro*, por Damil.—*Da Galiza renascente*, por Vicente Risco.—*Consas*, por Víctor Casas.—*Saudade*, por Seixo Rei.—*O tío Manoel da Campá*, por Antón Goy Díaz.—*Follas novas.*

1.º Febreiro, 1929.

SUMARIO: *Ao decorrel-os días.—Esquemas e lembranzas*, por R. Otero Pedrayo.—*A Academia Gallega.—No cerne dos Pirineos*, I *Encol do Renacimento das literaturas rexionaes no Midi francés*, por Abel Demo.—*Con ferreñas e pandeiro*, por Damil.—*Peneirando.—A tristeza de Deus*, por F.—*Consas*, por Víctor Casas.—*Dóas*, por Antón Goy Díaz.—*Centros Galegos.—Follas novas.—¡Viva o Celta!* por Ben-Cho-Shey.—*Castelao volta ó traballo.—Moimento a Rosalía.—O P. Celestino G. Romero.—O sentimento nazonalista e o Internazonalismo*, por Ramón Villar Ponte.

CÉLTIGA, Bôs Aires, 25 Dbro. 1928.

ANTRE outros artigos, un en col do viaxe de Blanco Amor, por Xulio Sigüenza, *A futura conferencia ibérica*, por Amaro de Vilamelle, *Do vivir cotidián*, por Xandomar, versos de Ramón Fernández Mato e reseña do mitín comemorativo de Pardo de Cela.

---

*Imprenta NÓS, Real 36-1.º, A CRUÑA*

# P A R D O

ÓPTICO CENTÍFICO

Preguntoiro, 32
SANTIAGO

San Andrés, 50
A CRUÑA

CASA EISCRUSIVAMENTE ADICADA A ÓPTICA CENTÍFICA

**FOTOGRABADO**

Si quer qu-os seus fotograbados sexan o mais perfeito posibres, convenlle envialos aos

**Talleres de fotograbado ESPASA-CALPE S. A.**

Ríos Rosas, 24-Apartado, 547 MADRID

**Axiña aparecerá**

**o segundo libro de**

# C O U S A S

**por CASTELAO.**

# F. ROMAN E SACO

DROGUERIA

e FARMACIA

Pereira, 19

Teléfono 28

OURENSE

Use o novo cristal PUNTAL, fabricación de Zeis,
e escrusiva da

# CASA DE LOS LENTES

Plaza Mayor, 18. OURENSE.

Droguería e Farmacia

## LUIS FÁBREGA

Progreso, esquina a Luís Espada

OURENSE

MERQUE VOSTEDE
Plumeiros **RAFIUM**
De mais dura qu'os de pruma e limpan millor. Véndese en todol-os estabrecimentos do ramo
Andrés Perille - OURENSE

**Lea vostede**

# Os Camiños da Vida

**por R. Otero Pedrayo.**

**BODEGAS GALLEGAS, PEARES E OURENSE**
Viños finos de mesa: Tinto TRES RIOS. Blanco BRILLANTE
LOS GALLEGOS blanco e tinto
**Macía e Valeiras, Apartado 18 - Ourense**

**SANATORIO QUIRURGICO DE SAN LORENZO**
SANTIAGO DE GALICIA
DE LOS PROFESORES

**D. Fernando Alsina** y **D. Antonio M. de la Riva**
CIRUJANO GINECÓLOGO

Establecimento dotado de todol-os elementos que exixen a terapéutica e a hixiene modernas, situado nas aforas da poboazón, moí cerca do paseo da Ferradura
Teléfono número 195
Pra detalles, calquera dos Direitores ou o Médico interno

## A hixiene nos nenos

é a garantía da sua saúde física e moral o día de mañá.

No diario aseo dos nenos emplee o **"Jabón Sales de la Toja"**, único que ás suas altas calidades meiciñás xunta toda a finura e prefume d'un xabón de tocador.

Contribuie ô perfeito desenrolo das criaturas e evita o perigo da escrófula e o raquitísmo.

1pta PASTILLA

**JABÓN LA TOJA**
**ÚNICO EN EL MUNDO**

# O Xabrón da Toxa é o mellor. Honra á Galicia no mundo enteiro

AGUAS DE

# MONDARIZ

FUENTES DE GÁNDARA Y TRONCOSO

Propiedad de los Sres. Hijos de Peinador

**Véndese en todal-as Boticas, Drogueirías Hotels, Depósitos d'augas minerás, Restaurants e vagós-camas de todol-os trés**

As mais indicadas en casos de artitrismo, desnutrizón, diabetes, obesidades diversas, doenzas do aparello dixestivo, anemia e neurastenia

Riquisma auga de mesa gaseada naturalmente.

## MONDARIZ - BALNEARIO

a 35 kilómetros de Vigo